



19 a 21 de novembro de 2014  
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

## 16416 - Agroecologia Como Possibilidade De (Re) Produção No Assentamento Rural Sul Bonito Em Itaquiraí-MS

*Agroecology as a possibility of (re) production in the Sul Bonito rural settlement in Itaquiraí – MS*

SILVA, Daiane Alencar<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, daianeufgd@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta a produção alternativa desenvolvida no assentamento rural Sul Bonito, localizado no município de Itaquiraí, Mato Grosso do Sul, Brasil, relacionado ao cultivo de produtos orgânicos pelo Grupo de Agroecologia Terra Viva. O assentamento Sul Bonito é resultado da desapropriação da fazenda “Empresa Água Mansa Ltda.”, com cerca de 6.375 hectares, possuindo 421 lotes. Apresenta características de importante relevância para análise geográfica, tendo em vista as relações e transformações ocorridas neste espaço através da inserção de atividades produtivas alternativas e a possibilidade de (re) produção dos assentados no campo. A proposta é analisar a produção agroecológica no assentamento enquanto possibilidade de manutenção da propriedade rural e da (re) produção dos assentados através de uma produção alternativa. Para tanto, utilizam-se referenciais teóricos sobre a temática, além de observações empíricas nos lotes dos assentados.

**Palavras-chave:** produção alternativa, orgânicos, assentados.

**Abstract:** This article presents an alternative production developed in the Sul Bonito rural settlement, located in the municipality of Itaquiraí, Mato Grosso do Sul, Brazil, related to the cultivation of organic products by the Group for Agroecology Terra Viva. Sul Bonito the settlement is the result of the expropriation of the farm “Água Mansa Company Ltda.”, with about 6,375 acres, owning 421 lots. Presents important characteristics of relevance to geographical analysis, in view of the relations and transformations in this space by inserting alternative productive activities and the possibility of (re) production of the settlers in the field. The proposal is to analyze the agroecological production in the settlement while maintaining the possibility of land ownership and the (re) production of the settlers through an alternative production. To do so, we use theoretical references on the subject, and empirical observations in lots of the settlers.

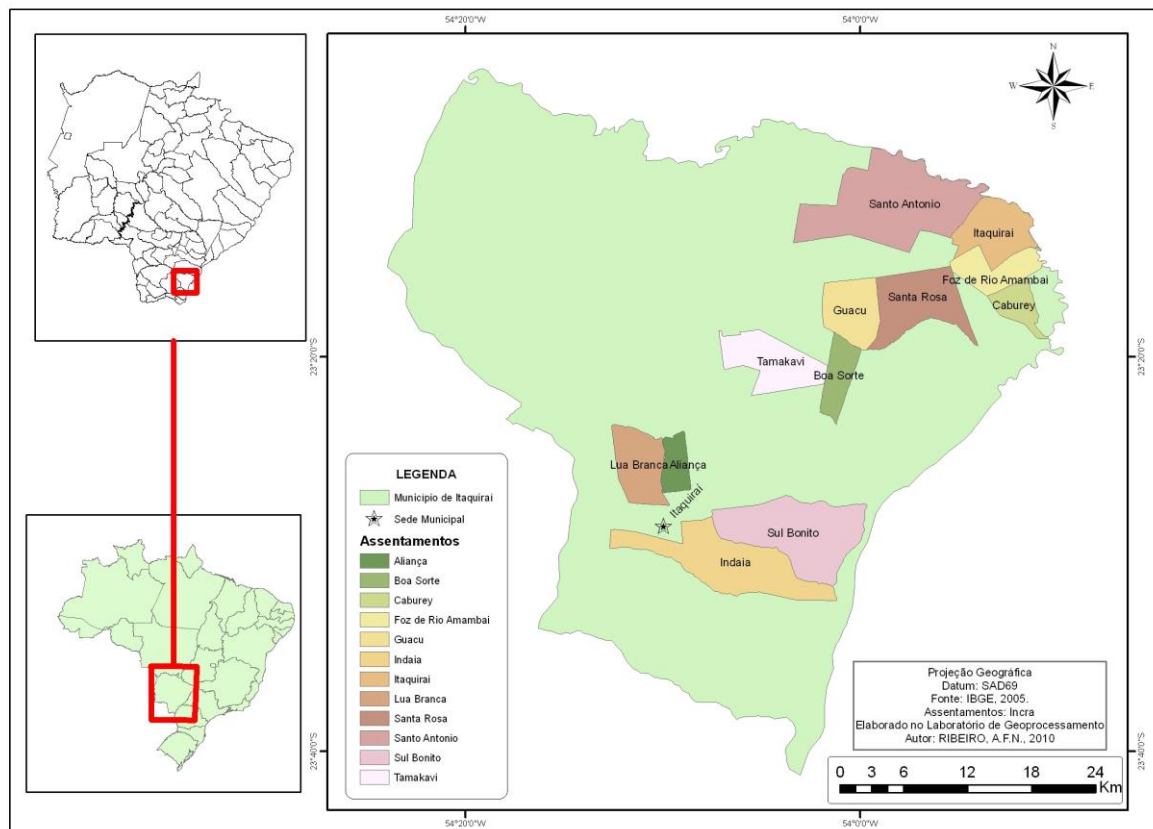
**Keywords:** alternative production, organic, seated.

### Introdução

O assentamento rural Sul Bonito, no município de Itaquiraí-Mato Grosso do Sul, está distante cerca de 400 quilômetros da capital Campo Grande. Em relação à cidade de Itaquiraí, está a mais ou menos oito quilômetros e a 200 km de Dourados, a cidade de maior influência na região, onde está localizada a Unidade Avançada do INCRA, responsável pelos assentamentos da região.

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

O assentamento foi implantado em dezembro 1996 e possui área de 6.375 ha. com 421 lotes com famílias assentadas, sendo que cada lote tem em média 18 hectares, destes 48 lotes estão localizados às margens do rio Paraná (figura 1). Estão presentes, na organização dos assentados, os movimentos sociais do MST – Movimento dos Sem Terra, e da FETAGRI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do MS.



**Figura 1** - Mapa de localização dos assentamentos no município de Itaquiraí – MS

Esse assentamento surgiu da desapropriação de uma fazenda denominada “Empresa Água Mansa Ltda”, com cerca de 6.653 ha. Algumas histórias sobre o uso dessa região são constatadas no texto de Farias (2002),

O local além de bonito, está envolvido por um ar misterioso que encobre uma história de torturas e antigos empregados da fazenda [...] duas mulheres que narravam os fatos e mostravam as árvores em que as pessoas eram amarradas e submetidas a diversas atrocidades. [...] De acordo com os relatos, os jagunços amarravam as pessoas nos eucaliptos e torturavam-nas até matá-las. Isso ocorria com famílias inteiras de arrendatários. Tais fatos são reforçados pela existência, segundo as mulheres, de um cemitério clandestino que poderia desmascarar toda a trágica ação de barbárie

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

e violência que marca a história da fazenda. (FARIAS, 2002, p.161-162).

É possível verificar que o sistema produtivo implantado no estado de Mato Grosso do Sul tem como base principal o agronegócio, voltado para a produção das monoculturas soja/milho e para a agropecuária. Recentemente no processo histórico, a produção de cana de açúcar.

Essa produção territorial dificulta a inserção de novas alternativas produtivas que não aquelas inseridas no processo agroexportador. Em resposta a isso, há o surgimento de grupos resistentes a esse modelo produtivo, que buscam a inserção no mercado através de produções alternativas, como é o caso da produção orgânica desenvolvida por um grupo de assentados do Sul Bonito.

Nos estudos de Lucato Moretti e Almeida (2009, p.86-87) fica claro que se faz necessária uma reflexão sobre a produção territorial em Mato Grosso do Sul, procurando identificar o que se apresenta como o “novo”, como o “alternativo” em relação à base produtiva instalada, que está pautada na chamada “produção destrutiva” (RODRIGUES, 1998, p.08).

Considera-se como produção destrutiva quando impõe sistemas produtivos que desconsideram a história, a cultura e os modos de vida das populações locais; quando promove a pilhagem dos elementos da natureza, como o solo e a água, para a produção de produtos agrícolas destinados a atender necessidades nem sempre essenciais, mas produzidas para a geração da riqueza (LUCATO MORETTI; ALMEIDA, 2009, p.86-87).

Nesse sentido, para Hespanhol (2008, p.117), a sociedade vive um momento de busca por uma vida mais saudável, que pressupõe entre outras condições, o consumo de produtos de boa qualidade. Essa constatação, segundo o autor, aliada a uma maior consciência ecológica, à crescente desconfiança nos sistemas de produção de alimentos convencionais em decorrência de vários problemas ocorridos recentemente, como a doença da vaca louca, a contaminação de alimentos, o ressurgimento da febre aftosa, a expansão da gripe aviária e as muitas dúvidas que ainda cercam os produtos transgênicos, têm levado a uma crescente expansão do consumo de alimentos produzidos sem o uso de agrotóxicos.

Dessa foram, a proposta deste trabalho é apresentar possibilidades de produções alternativas ao modelo imposto, através da agroecologia desenvolvida no assentamento rural Sul Bonito, aliando a necessidade de alimentos mais saudáveis e a (re) produção do assentado no campo.

## Metodologia

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

O estudo foi desenvolvido no assentamento rural Sul Bonito, em Itaquiraí/MS, durante o período de construção da dissertação de mestrado.

Os resultados da pesquisa foram obtidos através da leitura de referenciais teóricos sobre a temática e área de estudo, além de visitas técnicas e entrevistas semiestruturadas realizadas no assentamento em diferentes momentos, com assentados ligados ou não a movimentos sociais e grupos coletivos de produção. Participaram ainda das entrevistas, representantes do poder público local.

## Resultados e discussões

A agroecologia tem sido reafirmada como uma ciência ou disciplina científica, ou seja, um campo do conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas (CAPORAL; COSTABEBER, 2002, apud SAQUET, 2008, p. 143), que são considerados como unidades fundamentais para o estudo e planejamento das intervenções humanas em favor do desenvolvimento rural sustentável.

Este modelo dominante de produção foi implantado após a Segunda Guerra Mundial, chamada de Revolução Verde, que no Brasil tem seu período de maior incidência durante as décadas de sessenta e setenta. Foi um período da industrialização e modernização da agricultura, do aumento no uso de maquinários em substituição a mão de obra humana no campo, de insumos químicos com a finalidade de aumentar a quantidade de produtos e atender a necessidade do mercado, da inserção maciça das sementes híbridas, da irrigação e principalmente, da monocultura. Como demonstra os estudos de José Graziano da Silva, tal modelo criou profundas desigualdades econômicas e sociais no campo tornando o pequeno agricultor "(...) dependente dos mecanismos estruturais do mercado" (GRAZIANO DA SILVA, 1982, p.136 apud COMAR; MENEGAT, 2009, p.07).

Mas a adoção desse pacote denominado de "modernização da agricultura" trouxe impactos negativos sobre a sociedade e o meio ambiente. O rápido processo de adoção de inovações tecnológicas na agricultura e a intensificação da concentração fundiária provocaram o êxodo de milhares de colonos, parceiros, arrendatários e pequenos proprietários de terras que foram obrigados a saírem do campo para os centros urbanos mais industrializados. (HESPANHOL, 2008, p.120).

Além disso, há uma parcela significativa de trabalhadores que ao não ser absorvida pelo mercado de trabalho urbano ou por ficar desempregado ao ser substituído pelas máquinas nas atividades agrícolas, passaram a se organizar em movimentos sociais, reivindicando o acesso a terra por meio da realização da reforma agrária.

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

Além dos impactos negativos no aspecto social, a modernização da agricultura trouxe o agravamento dos problemas ambientais, que segundo Hespanhol “são derivados da compactação dos solos em razão da intensa mecanização das atividades agropecuárias e da utilização indiscriminada de agrotóxicos”. (HESPANHOL, 2008, p.120).

Diante dessas constatações, a agricultura convencional é duramente criticada pelos movimentos sociais e ambientalistas, os quais passaram a demonstrar a nocividade do pacote tecnológico da revolução verde ao solo, à água, à atmosfera, aos animais e à própria saúde e bem estar do homem (HESPANHOL, 2008, p.121).

O processo de modernização agrícola, se por um lado aumentou a produtividade das lavouras, por outro, levou a impactos ambientais indesejáveis. Os problemas ambientais mais frequentes, provocados pelo padrão produtivo monocultor foram: a destruição das florestas e da biodiversidade genética, a erosão dos solos e a contaminação dos recursos naturais e dos alimentos (BALSAN, 2006, p.141). Surge então, a necessidade por alimentos mais saudáveis, livres de agrotóxicos e que permita maior integração do homem ao meio ambiente.

Hespanhol (2008, p.132) aponta as principais vantagens para a adoção do sistema orgânico de produção para os pequenos proprietários rurais, sendo: a) a escala de produção, que por ser menor, favorece a conversão produtiva e permite a produção em pequenas áreas; b) a diversificação produtiva que, em virtude da integração do cultivo de lavouras temporárias e/ou permanentes com a criação de animais, pode facilitar a adoção do sistema orgânico, ao mesmo tempo em que garante maior estabilidade econômica; c) o maior envolvimento direto do produtor e dos membros da família, favorecendo tanto o maior controle sobre o processo produtivo quanto a maior capacidade de absorção desta mão-de-obra; d) a menor dependência de insumos externos, devido ao melhor aproveitamento dos recursos disponíveis na propriedade; e) a possibilidade de eliminação do uso de agrotóxicos, que contribui para a redução dos custos de produção; e f) os menores custos envolvidos na produção, resultando em melhores relações custo/ benefício e maiores rendas efetivas.

Esse modelo de produção surgiu inicialmente de forma marginal e em contraposição à agricultura convencional ou produtivista, e se apresenta em constante expansão, como veremos adiante, como oportunidade de (re) produção de produtores, principalmente, em áreas de assentamentos rurais, com manutenção da família no campo.

Nos estudos de Campanhola e Valarini (2001) é apontado pelo menos cinco razões para se entender a ampliação do mercado de produtos orgânicos no Brasil, levando em consideração que estas razões tiveram maior ou menor grau de importância de acordo com a região:



19 a 21 de novembro de 2014  
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

A primeira é que esta tenha partido dos próprios consumidores, preocupados com a sua saúde ou com o risco da ingestão de alimentos que contenham resíduos de agrotóxicos [...]. A segunda razão é que a demanda tenha se originado do movimento ambientalista organizado, representado por várias ONGs preocupadas com a conservação do meio ambiente, tendo algumas delas atuado na certificação e na abertura de espaços para a comercialização de produtos orgânicos pelos próprios agricultores [...]. A terceira seria resultado da influência de seitas religiosas, como a Igreja Messiânica, que defendem o equilíbrio espiritual do homem por meio da ingestão de alimentos saudáveis e produzidos em harmonia com a natureza. A quarta razão teria como origem os grupos organizados contrários ao domínio da agricultura moderna por grandes corporações transnacionais [...]. E o quinto motivo seria resultado da utilização de ferramentas de “marketing” pelas grandes redes de supermercados, por influência dos países desenvolvidos, que teriam induzido demandas por produtos orgânicos em determinados grupos de consumidores. (CAMPANHOLA; VALARINI, 2001, s/p).

Tausher *et al.* (2003) comentam, de forma comparativa e resumida, as principais diferenças entre o sistema convencional e o orgânico, destacando que o sistema de produção convencional ou tradicional em sua maioria é caracterizado por menor biodiversidade de espécies, principalmente quando a produção é pautada nas monoculturas. Além disso, os métodos e técnicas de produção são usados e ampliados através de intenso consumo de insumos agrícolas e energia, implicando em um modelo de produção insustentável diante das condições do meio ambiente.

Contraditoriamente, no modo de produção orgânico, Tausher (2003 s/p) explica que o sistema é mais complexo e orientado, pois a produção é totalmente ecológica visando à qualidade elevada dos produtos e da mão de obra humana, que não sofre com os efeitos dos agrotóxicos utilizados na produção convencional. A fertilidade natural do solo é preservada através do emprego de métodos conservativos com o uso de esterco, adubação verde e restos de colheitas, o que eleva bastante a atividade microbiana e melhora a estrutura física dos solos. São utilizados o uso de controle biológico de pragas e doenças através de inimigos naturais e outras técnicas. Consequentemente, esse modelo de produção alternativo contribui para a conservação do meio ambiente.

Diante do exposto fica evidente que o modelo de produção orgânico gera mais vantagens ao meio ambiente e ao produtor em relação ao modelo convencional. Além de permitir a constituição de bases mais solidárias e melhorias nas condições de vida das famílias envolvidas no processo de produção e consumo dos alimentos orgânicos.



19 a 21 de novembro de 2014  
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

A agroecologia permite-nos refletir sobre a possibilidade de desenvolvimento territorial através de uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente, que promova a manutenção de famílias no campo, proporcionando melhores condições econômicas para os produtores, aliada à segurança alimentar dos próprios produtores e consumidores em geral (SAQUET, 2008).

Para Florit (2002, p.82) a crítica à agricultura moderna tem focado especialmente as consequências indesejadas da produção de alimentos conformada pela modernização agrícola, focalizando em três níveis de riscos intimamente inter-relacionados entre si, sendo eles os riscos ambientais, como poluição, perda de biodiversidade, erosão; riscos sociais, como êxodo rural e riscos à saúde dos trabalhadores rurais e, riscos alimentares, através da presença de agrotóxicos nos alimentos comercializados e incertezas geradas pelo uso de variedades geneticamente modificadas.

Com relação aos agrotóxicos, o autor acena que do ponto de vista agrônomo aponta-se que a degradação geral dos agroecossistemas tem constituído um círculo vicioso que leva a utilização cada vez mais intensa desses produtos, pois a cada etapa de uso de agrotóxicos os predadores naturais das pragas também são eliminados, e desta maneira essas populações se recuperam, tornando-se mais resistentes, o que acarreta a necessidade de usar produtos mais agressivos, resultando num ciclo cumulativo de dependência. (FLORIT, 2002, p.87).

Existem vários aspectos que favorecem a implantação do sistema de produção orgânico no Brasil, levando em consideração a extensão territorial, a qualidade dos solos e o clima. Segundo Marques (2004) o Brasil possui área agricultável disponível de aproximadamente 152 milhões de hectares, o que corresponde a 17,9% da área total do território nacional, mas utiliza apenas em torno de 62 milhões de hectares, ou seja, 7,3% do território.

Na colocação de Saquet (2008), o Brasil é um país privilegiado, pois apresenta solos, na sua maioria, profundos e férteis permitindo o cultivo de uma grande variedade de plantas anuais e perenes. Conta ainda com a existência de clima tropical e subtropical, aliado às boas condições de solo, permite o cultivo de várias espécies frutíferas e hortaliças.

Todas essas condições incentivam a transição do sistema convencional para o sistema de cultivo orgânico. De acordo com Willer e Yussefi (2006, apud SAQUET, 2008, p.144) a área cultivada com agricultura orgânica no Brasil, apesar do aumento significativo nos últimos anos, é de apenas 0,34% sobre o total de área agricultável, valor que fica muito aquém quando comparado com o total de área agricultável disponível do país.

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

De acordo com matéria publicada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA<sup>1</sup> o Brasil fechou o ano de 2013 com saldo positivo para a agricultura orgânica, segundo dados do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos. O número de organismos avaliadores de conformidade do setor mais que dobrou e o montante de produtores e unidades produtivas teve um aumento de 22%, comparado a 2012, indicando que os produtores estão diversificando os modos de produção e adotando modelos alternativos.

A matéria do MAPA afirma ainda que em 2012, o país contava com 79 Organizações de Controle Social (OCSs) e 04 Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade (OPACs). No ano de 2013, estes números subiram para 163 e 11, respectivamente, conforme dados apresentados a seguir (tabela 1) por região brasileira:

**Tabela 1.** Dados do setor orgânico por estado brasileiro no ano de 2013

REGIÃO	OCS	OPAC	CERTIF.	PRODUTORES	UNIDADES DE PRODUÇÃO
<b>NORTE</b>	<b>14</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>317</b>	<b>1.023</b>
AC	1	0	0	48	172
AM	1	0	0	66	66
AP	0	0	0	1	24
PA	1	0	0	107	572
RO	9	0	0	89	183
RR	2	0	0	6	6
TO	0	0	0	0	0
<b>NORDESTE</b>	<b>81</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>2.796</b>	<b>3.198</b>
AL	3	0	0	21	60
BA	3	0	0	210	389
CE	0	2	0	200	251
MA	0	0	0	30	30
PB	14	0	0	309	332
PE	23	1	0	611	633
PI	8	1	0	978	1.048
RN	10	0	0	182	196
SE	20	0	0	255	259
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>18</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>247</b>	<b>269</b>
DF	5	1	0	99	110
GO	1	0	0	32	33
MS	0	1	0	9	16

<sup>1</sup> Matéria publicada com o título “Aumenta número de produtores de orgânicos no Brasil” em 03/02/2014 15h06min, disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2014/02/aumenta-numero-de-produtores-de-organicos-no-brasil> Acesso em 20/08/2014.



- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

MT	12	0	0	107	110
<b>SUDESTE</b>	<b>41</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>1.463</b>	<b>2.409</b>
ES	5	0	1	103	116
MG	7	1	1	313	466
RJ	1	1	1	215	388
SP	28	2	3	832	1.439
<b>SUL</b>	<b>9</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1.896</b>	<b>3.165</b>
PR	3	0	1	680	1.086
RS	6	1	0	863	1.462
SC	0	0	1	353	617
<b>TOTAL</b>	<b>163</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>6.719</b>	<b>10.064</b>

Fonte: Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos-MAPA.

Estes números refletem o aumento dos produtores orgânicos em todo o país. No fechamento de 2012, o Brasil contava com cerca de 5,5 mil produtores agrícolas que trabalhavam segundo as diretrizes dos sistemas orgânicos de produção. O ano de 2013 fechou com 6.719 produtores e 10.064 unidades de produção orgânica em todo o Brasil (MAPA) demonstrando um crescimento de produtores que estão aderindo ao modelo orgânico de produção ou mesmo aparecendo nos resultados, pois de acordo com a Comissão da Produção Orgânica de São Paulo, coordenada pelo agrônomo do Ministério da Agricultura Marcelo Laurino, por "unidade controlada", não se pode entender unidade produtiva, já que o número divulgado subestima o número real de unidades de produção efetivamente existentes. "Isso porque o atual sistema adotado pelos organismos de avaliação da conformidade identifica apenas o 'detentor da certificação', que em alguns casos é uma associação de produtores ou uma cooperativa de produtores orgânicos". Em outros casos, trata-se de uma empresa à qual estão vinculados vários produtores, que comercializam produtos orgânicos através da certificação que foi organizada e custeada pelo detentor do certificado, informa. "Uma unidade controlada, portanto, pode representar a existência de dezenas de unidades de produção a ela vinculadas", esclarece a Comissão, sendo eles Antonio José da Silva – lote 143; Airton Aparecido da Silva – lote 28; Cícero Carneiro – lote 148; Crenira Francisca da Silva – lote 189; Gilmar Antunes – lote 70 e, Luis Pinto Barbosa – lote 132. Do assentamento Indaiá participa do grupo as Sras. Santana Ribeiro dos Santos – lote 305 e Raimunda Figueiredo – lote 457.

No município de Itaquiraí/MS, existem pequenos produtores rurais que estão desenvolvendo a produção orgânica, através da iniciativa de um produtor do assentamento Sul Bonito, Cícero Carneiro. O grupo era composto, inicialmente, por seis produtores do assentamento Sul Bonito e duas famílias do assentamento Indaiá. O senhor Cícero Carneiro, do lote 148, foi um dos primeiros agricultores do assentamento que tomou conhecimento da produção agroecológica, através de "um seminário sobre produção de mel", oferecido pela Associação de Agricultores Orgânicos de Mato Grosso do Sul – APOMS, em Itaquiraí, em 2006, trabalhando

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

com a produção de orgânicos desde então. A partir das discussões do seminário, reconheceu a necessidade de mudança em seu sistema de produção, segundo seu próprio relato, houve muitas perdas de produção por conta das condições climáticas, frio ou seca.

O Sr. Carneiro relatou-nos em entrevista<sup>2</sup> sobre sua iniciativa de trabalhar sozinho com agroecologia, e segundo ele, as dúvidas de como iniciar a produção e mantê-la era o maior empecilho para alavancar a produção.

A minha bíblia é o livro que ganhei [...], eu estudei aquele livrinho, qual era minha dúvida, como que eu vou produzir se eu vou plantar uma coisa, aí eu vou ver os insetos chegar e destruir aquilo lá, eu não vou plantar, eu não quero perder. Então não tinha alternativa como que eu vou combater as pragas que poderiam vir, e nesse livrinho tinha tudo quanto é receita, falei agora eu tenho o que eu precisava, eu tenho a receita na mão, aí eu falei agora eu vou trabalhar, comecei sozinho. Através desse seminário que teve na escola família aí me reanimou mais ainda, vi que tinha o selo, vi que tinha gente pra pedir apoio. Eu vou seguir em frente.

Verifica-se no decorrer da pesquisa, através dos trabalhos de campo realizados, que apesar dos assentados compreenderem a necessidade de diversificar a produção no lote, poucos se interessam de fato nessa atividade com princípios agroecológicos, muitas vezes o que provoca o desinteresse dos assentados são o tempo de espera e os cuidados que esse tipo de produção requer. Deve-se ainda levar em consideração o processo social e histórico ao qual o assentado esteve ligado durante sua trajetória de vida, muitas vezes relacionada a produção convencional.

A agricultura orgânica, como forma alternativa de produção, frente às práticas tradicionais agropecuárias, representa a possibilidade de maior fixação da família no campo, pois através da produção orgânica o produtor é capaz de manter o sustento da família e ainda evitar complicações financeiras, sendo este tipo de produção responsável, em muitos casos, pela manutenção econômica da família, como afirma o assentado Luís Pinto Barbosa<sup>3</sup>, do Sul Bonito, quando indagado sobre o que melhorou na sua vida e da família após iniciar a produção orgânica em seu lote.

No caso a gente não tinha geladeira, já tem. Comprei com o dinheiro dos orgânicos. Tinha uma geladeira veia, derrubada, tá melhorando aos poucos. Nossa parcela no banco no caso, no prazo certo, que é de 3 em 3 meses, pago uma parcela de R\$ 223,00, que nem agora

<sup>2</sup> Entrevista realizada com morador do assentamento Sul Bonito, concedida a autora em trabalho de campo no dia 30 de novembro de 2010.

<sup>3</sup> Entrevista realizada com morador do assentamento Sul Bonito, concedida a autora em trabalho de campo no dia 30 de novembro de 2010.



19 a 21 de novembro de 2014  
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

mesmo, dia 25 eu paguei lá, vencia dia 30, mas eu já paguei logo dia 25, sobra, já não tem mais dificuldade também. É financiamento, que eu fiz pra construir aquela mangueira, e a seca. Financiei seis mil, e já *to* conseguindo quitar. É mil reais por ano. Falta ainda três anos.

As análises obtidas nas visitas a campo e relatos de entrevistas permitiram observar que para avançar na produção orgânica os produtores precisam superar as adversidades climáticas e ambientais, e persistirem nas formas de comercialização dos produtos. Um fator questionado pelos produtores é a dificuldade em comercializar a produção, desde a logística, devido à ausência de apoio para transportá-los do assentamento até a cidade, à desvalorização comercial dos mesmos, pois estes não conseguem competir com produtos convencionais ofertados nas redes de supermercados.

Em função da ausência de conhecimento por parte da população em relação aos produtos orgânicos, estes não podem ser vendidos a um valor muito acima dos convencionais, tendo em vista que isso implicaria na pouca comercialização dos mesmos.

Estudando sobre isso, Saquet (apud Alves et al, 2008) verifica que se deve levar em consideração o baixo poder de compra do brasileiro, que o leva a adquirir os produtos de menor preço.

É sabido que os produtos orgânicos possuem custos mais elevados em função do volume de produção e produtividade mais baixos comparados aos convencionais, porém, deveríamos levar em conta, primeiramente a qualidade do produto expressa pelo seu valor nutricional e segurança alimentar ao adquirirmos os gêneros alimentícios. (SAQUET apud ALVES et al, 2008, p.148).

Dessa forma, resume-se parte dos problemas enfrentados por este modelo de produção, mas ainda assim, representa a possibilidade de (re) produção dos assentados mediante as lógicas hegemônicas de produção, de acordo com o modelo vigente no estado de Mato Grosso do Sul.

## Conclusões

Observa-se que os produtores orgânicos, apesar das dificuldades relacionadas à produção, como questões climáticas, ausência de incentivo à comercialização e falta de crédito para produção, tentam superá-las resistindo ao modelo convencional de produção adotado no desenvolvimento territorial do estado, através da agroecologia.

É importante ressaltar que o desenvolvimento desse modelo de produção no assentamento Sul Bonito, reforça a ideia colocada pelos próprios movimentos sociais de luta pela terra, sobre a importância dos assentados buscarem alternativas



19 a 21 de novembro de 2014  
Dourados, MS

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

de renda dentro do lote, de maneira sustentável, gerando e impulsionando melhorias no próprio lote, no assentamento e na sociedade como um todo, através não só da sustentabilidade ambiental, que este tipo de produção oferece, mas também, da sustentabilidade social dos próprios envolvidos na prática.

Porém, existem alguns fatores que limitam o crescimento e expansão da produção orgânica do assentamento, dentre elas, a dificuldade de deslocamento da produção até os pontos de comercialização, devido à ausência de apoio do poder público ou órgãos responsáveis e da distância; a pressão exercida por outras culturas desenvolvidas no assentamento, como monoculturas, que utilizam de insumos agrícolas promovendo dessa forma a dispersão de agrotóxicos pelo ar, solo e água, que contaminam as produções orgânicas, sendo necessário nesses casos, fortalecer o cinturão verde no entorno da produção, mas essas ações esbarram em produtores que não se sensibilizaram com a agroecologia; e também as questões de incentivo a produção orgânica aos pequenos, como fonte de renda e sustentabilidade, pois os mesmos deparam-se com políticas massivas de incentivo a produção de monoculturas de uso tradicional, alegando principalmente mercado consumidor.

Ainda assim, essa forma de produção promove a (re) inserção dos assentados produtores de orgânicos na sociedade e no mercado, o que significa o triunfo sobre as adversidades, é como se estivessem retornando à sociedade, inserindo-se novamente nas relações sociais e de produção e, principalmente, promovendo a “função social da terra”.

## Referências bibliográficas

BALSAN, R. **Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira.** Campo-Território Revista de Geografia Agrária. V.01, n.02, p.123-151, ago/ 2006.

CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P. J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. Cadernos de Ciência e Tecnologia. Brasília. V.18, n.03, p.69-101, set-dez/ 2001. In: HESPANHOL, R. A. M. Agroecologia: limites e perspectivas. In: ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Orgs.) **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia. Enfoque científico e estratégico. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.18, n.03, p.69-101, 2002. In: SAQUET, A. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. In: ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Orgs.) **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

- 1º Seminário de Agroecologia da América do Sul
- 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul
- 4º Encontro de Produtores Agroecológicos de Mato Grosso do Sul
- 1º Seminário de Sistemas Agroflorestais em Bases Agroecológicas de Mato Grosso do Sul

COMAR, S. E.; MENEGAT, A. S. **A produção agroecológica no assentamento Sul Bonito em Itaquiraí: em estudo de caso.** Artigo de Iniciação Científica. Dourados: UFGD, 2009.

FARIAS, M. F. L. **Assentamento Sul Bonito: as incertezas da travessia na luta pela terra.** Araraquara, 2002. Tese.

FLORIT, L. F. **A reinvenção social do natural: natureza a agricultura no mundo contemporâneo.** Porto Alegre, 2002. Tese.

HESPANHOL, R. A. M. Agroecologia: limites e perspectivas. *In:* ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Orgs.) **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LUCATO MORETTI, S. A.; ALMEIDA, M. G. **Território e agricultura orgânica em Mato Grosso do Sul: quando o passado ensina o futuro.** Revista Terra Livre, Ano 25, v.02, n.33, p.85-96, jul-dez/ 2009.

MARQUES, E. S. O estudo da arte da agricultura brasileira. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2004. *In:* SAQUET, A. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. *In:* ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Orgs.) **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SAQUET, A. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. *In:* ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Orgs.) **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

TAUSCHER, B. et al. Bewertung Von Lebensmitteln verschiedener Produktionsverfahren. Status Bericht 2003, Senatarbeitsgruppe "Qualitative Bewertung Von Lebensmitteln aus alternativer und konventioneller Produktion". Sanat der Bundesforschungsanstalten, Deutschland, 2003. *In:* SAQUET, A. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. *In:* ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Orgs.) **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

RODRIGUES, A. M. **Produção e consumo do e no espaço. Problemática ambiental urbana.** São Paulo: HUCITEC, 1998.